Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula Nº 73
04 de setembro de 2010

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa tarde a todos.

Sejam bem vindos. Desculpem-me pelo atraso, mas houve uns problemas técnicos e nós conseguimos resolver. Primeiro, eu queria avisar aos dois grupos – o grupo de revisão do Mário Ferreira dos Santos e o pessoal do Núcleo de Estudos Estratégicos – que nós vamos ter uma comunicação quinzenal através do *Skype*. O meu endereço no *Skype* é *olavodecarvalho*. Isso seria na primeira e na segunda quarta-feira de cada mês. Se for preciso novos encontros, eu avisarei a cada oportunidade. Não há problema em que os dois grupos se comuniquem comigo no mesmo dia. Nós faríamos [as comunicações], digamos, das sete às nove horas da noite, horário local de Richmond; portanto, no Brasil é uma hora mais tarde, [seria] das oito às nove para o pessoal do Mário Ferreira e das nove às dez, horário do Brasil, para o pessoal dos estudos estratégicos .

Muito bem. Eu prometi que iria fazer esta aula principalmente em funções das perguntas. É claro que mesmo assim não conseguirei responder a todas as que já estão acumuladas aqui, mas vou fazer o possível. Eu tenho aqui a pergunta do Paulo Camargo:

Aluno: No vídeo que o senhor postou esta semana no seminário e também na aula, ao falar da admiração, o senhor menciona que a admiração sincera é um ato de amor e ao expressá-la não se deve, com propósito de evitar ser considerado idólatra, fazê-la acompanhar de uma crítica à pessoa admirada, pois o reconhecimento da condição de superioridade de alguém em relação a você sob determinada ótica ou determinado campo não é afetado pela observação de algum defeito naquela pessoa, [defeito] que portanto não precisa ser exposto aos demais. Pergunto: qual a maneira de reconciliar a questão do reconhecimento de superioridade de alguém em relação a você com a do reconhecimento da nossa grandeza como almas imortais e com a frase de Jesus Cristo, que disse: “Vós sois Deuses” (Jo, 10:34)

Em primeiro lugar, a questão é muito simples: o fato de que nós sejamos almas imortais não quer dizer que sejamos todos do mesmo tamanho ou que tenhamos o mesmo nível qualitativo. Almas imortais somos todos nós, mas há alguma diferença, por exemplo, com relação aos santos: se você como alma imortal está abaixo de um santo, o número de degraus hierárquicos aí é ilimitado. Não há muita dificuldade [em entender isto].

Mas note bem: considero que esse problema da admiração no Brasil é um dos problemas mais sérios, porque a idéia mesma de alta cultura é uma idéia hierárquica, e não existe alta cultura se você não é capaz de separar o mais alto e o mais baixo. Desta distinção entre o alto e o mais baixo

faz parte integrante [a] relação que existe entre os méritos e os deméritos de cada pessoa, pois demérito todo mundo tem, e a proporção entre mérito e demérito faz parte, evidentemente, da hierarquia. Há pessoas cuja atuação inteira é apenas um conjunto de deméritos em que de vez em quando se salva alguma coisa; outras [pessoas], ao contrário, têm uma quantidade enorme de méritos dentre os quais aparecem uns defeitos aqui ou ali, mas [estes] estão colocados em uma posição hierárquica diferente.

Então, o problema, evidentemente, não é pra pessoa admirada, mas para o admirador. Vamos lembrar o que disse Nicolás Gómez Dávila a esse respeito. Prestem atenção: “Aqueles cuja gratidão pelo benefício recebido se converte em devoção à pessoa que o outorga em vez de degenerar no ódio costumeiro que todo benfeitor desperta são aristocratas, mesmo que caminhem em farrapos”. Na composição da alta cultura de uma nação, faz parte um certo universo de pessoas que são capazes de ter a gratidão e a admiração devidas e estas pessoas são exatamente a aristocracia do país mesmo que sejam uns pobretões ou caminhem em farrapos. A inibição de admirar ou a necessidade compulsiva de compensar a admiração com algumas agulhadas ou algumas insinuações ou destacando um ou outro defeito da pessoa admirada é a marca de uma mentalidade baixa.

A partir dos anos 70 - 80, surgiu a moda de biografias pejorativas. Tomava-se um grande personagem, por exemplo, o T. S. Eliot, e mostrava-se que ele teve os problemas com a mulher, teve de interná-la no hospício e que de vez em quando perdia paciência com ela, dava uns gritos etc. E isso ocupava metade do livro. Meu Deus do céu, quem é que nunca teve problema com mulher e que nunca gritou com a mulher?! Agora, quantos escreveram *The Waste Land* ou *Four Quartets*? Não é a mesma coisa! Portanto, a posição desses episódios deprimentes no conjunto da vida do sujeito é outro, que não a posição que isto ocupa na vida de um sujeito medíocre, de uma pessoa qualquer. Para o seu Zé Mané da esquina, a briga que ele teve com a mulher pode ser o acontecimento central da vida dele, pode ser a coisa mais importante. Agora, vocês não vão dizer que T. S. Eliot colocou nisso o melhor do que ele tinha. Portanto, esse tipo de biografia que destaca esses episódios depreciativos está, evidentemente, deformando o conjunto.

E notem bem: quando eu fiz, por exemplo, a introdução ao Mário Ferreira, eu, em primeiro lugar, tive que reconhecer a dívida imensa que eu tinha com o Mário Ferreira. O que aprendi com esse homem não tem limite. Ao mesmo tempo, é claro que reconhecia, por exemplo, o desleixo editorial dele. Mas, ao mesmo tempo que eu reconhecia, eu o justificava inteiramente. Eu atenuava [esta observação] para as devidas proporções que aquilo tinha na realidade: foi um homem que escreveu toda a Enciclopédia das Ciências Filosóficas ao longo de 16 anos, na base de 3 a 4 livros por ano, estando consciente de que não daria um acabamento final àquilo e, portanto, ele ia empurrando com a barriga, dizendo “depois que eu morrer, alguém vem e conserta isso”. De fato, no fim das contas, sobrou para mim.

É claro que esse é um lado deficiente, defeituoso do Mário. Não é possível elogiar o Mário como escritor. Como escritor, ele era altamente deficiente. Não que ele não tivesse o talento requerido para ser um grande escritor, mas ele precisaria ter dado mais tempo e mais atenção [a essa tarefa]. Então, ele não se realiza nesse aspecto da vida; ele permanece deficiente. Mas essa deficiência, ela se apaga no conjunto porque o que ele fez como filósofo é tão importante que pouco importa se está bem escrito ou mal escrito. Nossa obrigação é consertar aquilo.

Lembre-se de que, na outra aula, também me referi a ao mandamento de honrar pai e mãe. Se o seu pai teve defeitos ou comentou pecados, ele legou para você uma dívida. É você que tem de pagar a dívida dele, ao invés de ficar falando mal. Quanto mais você criticar o seu pai ou sua mãe, mais você está se sujando, pois não está só deixando de pagar a dívida, como está ainda aumentando. Em

vez de reconhecer que a dívida é sua, você está fingindo que é o cobrador, em vez de ser o devedor. Se o seu pai deixou débito – seja no sentido financeiro ou no sentido moral –, é você que tem de pagá-lo, e na medida em que paga, você limpa a imagem dele. Então, do mesmo modo, se numa pessoa com a qual nós temos débitos intelectuais, por exemplo, observamos defeitos, [00:10] então está na hora de consertarmos.

Vou dar outro exemplo: o Otto Maria Carpeaux. Ele sempre deixou uma dúvida, uma interrogação sobre quais eram suas idéias políticas no período austríaco. Ele de certo modo varreu isso para debaixo do tapete porque, logo ao chegar ao Brasil, ele primeiro sofreu uma campanha de difamação brutal por parte do partido comunista. Porém, mais tarde ele se tornou dependente do partido comunista para fins profissionais: se não tivesse um lobby do partido, ele não teria emprego. Então, a atitude deles em relação ao Carpeaux mudou e a atitude dele mesmo também mudou. Na medida em que mudou, mais ainda ele tinha um motivo para ocultar suas opiniões do período austríaco. No começo, ele ocultava porque estava triste com o que tinha acontecido – ele havia fugido – e simplesmente por tristeza não queria lembrar do período. Porém, mais tarde ele teve um motivo político para ocultar. Isso quer dizer que ele era um covarde? Que era um omissor? Não! A gente tem que tentar compreender isso e contrastar, colocar na balança o que representou esta atitude – que não é das melhores, certamente; não muito louvável, mas também não totalmente condenável – e [comparar] com o bem que o homem fez. E botando uma coisa na balança e a outra, em que ele nos prejudicou em ocultar os seus escritos do período austríaco? Em nada. Isso não se compara com tudo o que ele nos deu e com o que ele escreveu no Brasil em português e passou para nós, tornando-se o maior historiador literário e o maior crítico literário brasileiro de todos os tempos.

Este episódio deve ser colocado dentro do conjunto e ser compreendido como uma tragédia pessoal que ele viveu e acabou no fim das contas por esterilizá-lo, pois nos últimos 20 anos de vida, ele não produziu mais nada que fosse relevante. Então, temos que compreender esse conflito e entender que no lugar dele talvez não tivéssemos feito melhor. Não se esqueça de que naquele período havia uma ditadura de direita no Brasil e todo mundo que tivesse ligação com a esquerda tinha todo direito de ter medo daquilo. Então, note-se que ele ainda teve o mérito de, em vez de procurar a proteção do *establishment*, procurar exatamente a proteção de quem estava na oposição. Então, não se pode dizer que foi um ato de covardia; foi uma acomodação. Por outro lado, o grande amigo do Carpeaux, Pedro Trombovsky, um sujeito que é comunista, ele me chamou e disse que o único biógrafo confiável do Carpeaux era eu. Então ele me passou um material – as suas correspondências com o Carpeaux – que eu ainda não publiquei mas espero publicar um dia. Nessa correspondência, se vê que o Carpeaux e a sua esposa, Dona Helena, eram continuamente alimentados de falsas informações por parte do pessoal do partido, enfatizando as perseguições que eles poderiam sofrer. Eles acreditavam que a casa deles estava constantemente sob observação e que até havia tanques de guerra ali em volta. De onde vem essa informação? É claro que era do pessoal do partido para manter os dois velhinhos aterrorizados. E, de fato, não estava acontecendo nada, pois o Carpeaux, na prática, nunca sofreu nada. Houve um processo contra ele, um processo por subversão por causa de um artigo que ele publicou. O próprio promotor mandou arquivar aquilo e o Carpeaux não ficou preso nem por dois minutos. Ele simplesmente foi lá para responder o processo e, ao chegar lá, o promotor falou “não tem processo nenhum, o senhor está livre. Vai para casa.”

Então isso foi tudo. No entanto, era muito presente na época esse processo de intimidação mútua dentro do pessoal de esquerda. Eu sei porque eu recebia notícias escabrosas a todo momento. Houve uma contra-parente minha que ficou presa uns sete meses e disseram que tinham batido tanto nela que ela tinha perdido um rim. Eu sei o seguinte: ela saiu da cadeia melhor de saúde do que quando entrou. Como é que eu sei? Eu estava com ela na véspera da prisão e quando ela saiu da cadeia, eu

fui buscá-la. E ela estava radiante de saúde, então não pode ter perdido o rim de maneira nenhuma. Mas durante os 7 meses aquilo circulou nos meios esquerdistas, comunistas e pró-comunistas como se fosse a mais pura verdade. E eu acreditava que quando eu chegasse lá na cadeia pra buscar a velha, iria catar um cadáver, um semi-cadáver.

Então, parece que o Carpeaux acreditou em tudo que disseram pra ele. Que meio ele tinha de verificar? Nenhum. Que prática tinha ele de militância esquerdista? Nenhuma! Ele nunca foi membro do partido, nunca foi militante da esquerda. Então ele não sabia os costumes dessas pessoas. Ele foi feito de trouxa, criou uma relação de dependência com relação ao pessoal do partidão que o colocou numa posição moral muito estranha, porque o Carpeaux era um católico, era um crente. E ele escondia isso, tanto que o Antônio Houaiss, super esquerdista também, ele conta que o Carpeaux rezava escondido para o pessoal do partido não saber, [para] não pagar mico perante o pessoal do partido. Tudo isso é uma parte deprimente da historia dele, mas não posso cuspir na cara dele por causa disso e não posso nem de longe nivelar isso com os méritos incontáveis que o homem tem. O que temos que fazer? Nós temos de lamentar como uma tragédia; não como uma comédia e não com aquela satisfação expressa em alemão como *Schadenfreude*, que significa alegrar-se com as misérias e os sofrimentos de uma outra pessoa.

No Brasil, quando se descobre uma miséria qualquer sobre a vida de um sujeito, todo mundo começa a rir com satisfação, porque parece que isso nivela o grande homem a eles. Uma vez descobriram que parece de longe que o Gilberto Freyre tinha um sinal remoto de *affair* homossexual. Pronto! Comentou-se mais isso do que a obra inteira do Gilberto Freyre. Este tipo de atitude mostra uma mentalidade baixa que não é capaz de se elevar ao nível de seriedade requerida para a alta cultura. Pessoas com esse tipo de cabeça têm de ser varridas para fora da alta cultura. Se você não tem o senso de hierarquia, você não sabe o que é alta cultura. Se você não é capaz de distinguir o mais alto do mais baixo, você está fora [da alta cultura], por definição. No simples fato de você falar “alta cultura” ou “cultura superior”, [está implícito] que existe uma cultura inferior; elas não são a mesma coisa. Ora, eu comentei na aula passada aquele trecho do Alexandre Zinoviev em que ele falava da cultura comunal comparada com uma cultura maior. A sociedade maior se baseia em valores mais ou menos universais que são defensáveis em termos de civilização, ao passo que dentro da *comuna*, como ele chama, vigoram aquelas leis de sobrevivência. São leis que todo mundo compra, inclusive os maiores; por exemplo, assumir o mínimo de responsabilidade, tentar chutar o maior número de responsabilidade para os outros, e assim por diante. São simples reflexos de autodefesa. Mas ele diz que quando desaparecem os valores e critérios da sociedade maior, a mentalidade comunal toma conta de tudo e se instaura o reino da vigarice, da trapaça, porque aqueles valores comunais são simplesmente pragmáticos [e] eles passam a valer como valores civilizacionais reais.

Isto está acontecendo no Brasil há muito tempo. E esta tendência existe no Brasil pelo menos desde a proclamação da República. Veja que durante o Império, a elite intelectual não tinha a menor dificuldade de estabelecer uma hierarquia. Quando você observa a composição da primeira geração da Academia de Letras, ninguém teve a menor dúvida de que o presidente tinha que ser o Machado de Assis, porque todo mundo reconhecia que era o melhor. Ninguém iria nivelar o Machado de Assis com o historiador Rocha Pombo. Ele não era um mau historiador, mas não tinha um nível suficiente. Ninguém ia nivelar o Rocha Pombo com o Joaquim Nabuco, com o Oliveira Lima, a pessoa tinha um senso de hierarquia muito nítido. Depois da República, isso foi se perdendo.

Ao acompanhar a história do Lima Barreto, observamos que, já naquela época, considerações de ordem puramente social no sentido de *socialite* começaram a predominar sobre o respeito aos valores superiores da cultura. Então, na época, o escritor de maior sucesso era um sujeito chamado

Pelino Guedes. Quem leu Pelino Guedes? Ninguém leu Pelino Guedes e nem lerá jamais. E um camarada de evidente talento, que era o Lima Barreto, ficava jogado às traças por ser um bêbado, além de preto. Ninguém alegou a cor da pele de Machado de Assis para votar contra ele para a presidência da Academia de Letras. Ninguém se lembraria de fazer isso. Mas quando começa a República, [há uma ascensão dos valores comunais]. Eu acho que a dissolução da aristocracia do império, a queda do império, já traz consigo imediatamente essa ascensão dos valores comunais. Então, surgem os grupinhos, com as capelinhas, a proteção mútua e perde-se o sentido de hierarquia.

[00:20] Durante os anos 30 e durante os anos 50, houve uma espécie de recuperação, mas a tendência para esculhambar tudo e impor esses valores de grupinhos como se fossem a medida máxima de todas as coisas sempre existiu no Brasil. E já no período militar, em plena ditadura, o Gustavo Corção, que era provavelmente o maior escritor brasileiro vivo, foi varrido para fora do Globo pelos comunistas que estavam lá, Luis Garcia e outros. Veja que mesmo dentro do regime militar, os comunistas tinham poder suficiente para marginalizar quem eles quisessem, sobretudo dos postos que dominavam, que eram a universidade e a mídia.

A partir do advento de um treco chamado PT, a situação se complica mais ainda porque o PT tinha o objetivo imediato de conquista de poder, coisa que o antigo partido comunista não tinha. Isto é muito importante: o partido comunista, que seguia a linha soviética, ele acelerava ou desacelerava conforme a União Soviética mandasse. E a União Soviética não tinha nenhuma perspectiva de implantar um regime comunista no Brasil, mesmo porque não tinha quem governasse o Brasil pra fazer isso. Então, eles desaceleravam a atividade do partido comunista, o que criou nos anos sessenta o famoso racha sob a liderança do Marighella, Joaquim Câmara Ferreira e outros: o pessoal rompeu com o partido comunista por julgar que o partido comunista não era suficientemente radical e partiram, então, para as guerrilhas. E do mesmo impulso de renovação das esquerdas, fez parte o surgimento do PT com a perspectiva de conquistar o poder de qualquer maneira, usando sobretudo os métodos Gramscianos.

O que é o método Gramsciano? Método Gramsciano é a chamada revolução cultural. Revolução cultural consiste em fazer com que, em sociedade inteira, todo mundo pense como comunista, sinta como comunista, aja como comunista sem saber que é comunista. Isso é literalmente assim, de modo, diz o Gramsci, que o partido que conduz o processo (não precisa ser necessariamente um partido com o nome de partido comunista, pode ser qualquer coisa) adquira, diz ele, o poder onipresente e invisível de um imperativo categórico de um mandamento divino – aquilo que todo mundo obedece sem nem saber que está obedecendo. É claro que a trapaça, a mentira, a camuflagem não só fazem parte do processo, mas são a essência do processo. Enganar todo mundo, fazer com que elas mudem de opinião às vezes sem mudar o discurso – isso é importante: usando as mesmas palavras, os mesmos termos, os mesmos símbolos, você gradativamente vai injetando o outro significado prático, pragmático da coisa e é nisso que consiste a revolução cultural.

A revolução cultural foi o fator mais decisivo na *débâcle* moral brasileira. Por que? Para dar um exemplo como se fez isso? Até os anos 70, as organizações esquerdistas eram todas contra as instituições de caridade porque estas pareciam ser uma parte integrante de um aparato burguês. As instituições de caridade criavam um alívio postíço de modo a impedir a revolta das classes menos favorecidas. Então, aparece no meio um sujeito chamado Herbert de Souza, o Betinho, dizendo: “você estão muito enganados. Essas organizações são muito importantes para nós. Nós não devemos ser contra a caridade pública; nós temos de tomar essas organizações de modo que elas passem a nos servir.” Então, tomaram as organizações de caridade, criaram a campanha do Betinho etc., usando o mesmo vocabulário cristão, caritativo de antes, mas gradativamente colocando ali

dentro a nuance mais ou menos subconsciente de que não se fazia caridade pelo motivos cristãos tradicionais, mas visando a instauração “de uma sociedade mais justa” , ou seja, uma sociedade sem classes. Para isso foi necessário, então, substituir a noção antiga da santidade, da caridade, da virtude, por um outro modelo. Então, pegou-se o próprio Betinho, que era apenas um estrategista, um politiqueiro, um sujeito maquiavélico, e se pintou o sujeito como se fosse um santo. Houve gente que realmente pôs a beatificação do Betinho!

Este episódio do Betinho mostra como o que havia de pior, de mais maligno, mais malicioso na sociedade foi cultuado como santo. E isto não aconteceu só no caso do Betinho; gradativamente, as imagens de virtude que se colocavam em público eram invariavelmente não pessoas que tinham realmente virtudes identificáveis, mas pessoas que simplesmente estavam seguindo a linha do PT. Isto passou ser a virtude. O povo vendo a superposição da linguagem antiga e dos personagens modernos incumbidos de personificá-la confundiu uma coisa com outra, quer dizer, aceitava tomar o Betinho ou outras pessoas desse tipo como se fosse imagem de virtude no sentido antigo. É claro que isso é uma corrupção completa não da moralidade, prestem atenção, mas do próprio senso moral, do próprio sentimento moral.

Fala-se muito em corrupção da moralidade, degradação da moralidade. Estou até publicando um artigo sobre isso no Diário do Comércio. Nós podemos falar sobre degradação da moralidade quando existe um padrão de moralidade reconhecido e a conduta das pessoas está muito abaixo daquilo. Mas quando o próprio padrão mudou e é corruptor, então já não é que as pessoas não estão obedecendo às leis da moralidade; elas estão obedecendo às leis de moralidade corrupta. Não é a mesma coisa que a degradação dos costumes; isso é a destruição do próprio senso moral.

Outro dia, eu estava vendo a gravação de um pastor cujo nome eu esqueci, em que ele dizia exatamente isso: você não pode confundir o pecado com a iniquidade. O pecado é quando você faz um treco errado e você ou os outros sabem que é errado. Iniquidade é quando o pecado se tornou tão costumeiro, tão habitual, tão normal que ele vira não só um direito, como até um dever. Ele passa a ser a norma. E foi exatamente o que aconteceu no Brasil: o Brasil está numa situação de iniquidade geral. É claro que esta iniquidade afeta em primeiríssimo lugar as duas instituições fundamentais, que são a Igreja e a alta cultura. A Igreja foi todinha corrompida. Não é que o pessoal não está cumprindo os mandamentos da Igreja. Não! Chega lá o bispo, um cardeal e dá o mandamento errado para os fiéis e eles obedecem! O problema não é a desobediência; é a obediência! Eu fico impressionado com o respeito com que os fiéis católicos tratam bispos e cardeais que são obviamente usurpadores que não merecem respeito nenhum e que não podem ser aceitos como representantes da Igreja sob aspecto nenhum. E [os fiéis] nada fazem contra ele e continuam obedecendo como isso fosse obedecer a Igreja. Não faz sentido!

Se você sabe que o católico que colabora com os regimes do partido comunista está automaticamente excomungado, você não pode obedecer o sujeito que está fazendo isso como se ele fosse um cardeal, porque na realidade ele não é um membro da Igreja. Mas o posto oficial, a identidade pública oficial do sujeito se superpõe à realidade da vida do fiel de tal maneira que ele suprime a realidade e só se interessa pelo que é nominal. Isso é corrupção total não só do senso moral, mas da própria percepção da realidade. E este é o problema geral do Brasil.

Muita gente no Brasil percebeu que aconteceu esse processo e percebeu que a revolução cultural gramsciana tem algo a ver com isso. Então, o pessoal se revolta e quer fazer uma proposta diferente. Não adianta fazer uma proposta diferente se você ainda está infectado da mesma mentalidade. Se você não é capaz de discernir o bem do mal, não adianta você estar contra o mal em razão de outro

mal que corrompeu a você e não a ele. Assim você quer a corrupção do outro pela sua própria corrupção.

[00:30] E era exatamente disso que eu estava falando naquela gravação que eu coloquei no seminário a respeito de usurpação: roubar o trabalho dos outros e dizer que é seu, se apresentar como autor de descobertas etc. [Usurpação é reclamar] coisas que você não fez, coisas que foram feitas por um outro, coisas que você escondeu etc. Isso virou norma no Brasil. Eu mesmo fui vítima disso várias vezes com relação ao Mario Ferreira, com relação ao Otto Maria Carpeaux e com relação ao Foro de São Paulo, sem contar que, quando publiquei *Aristóteles Sob Nova Perspectiva*, houve um silêncio geral na mídia (com exceção de um artigo de Vamireh Chacon, que saiu em Brasília) e, logo em seguida, qual foi a reação? O pessoal da Usp tirou da gaveta uma tese do Oswaldo Porchat Pereira de trintas anos antes sobre Aristóteles e publicou. Era uma tese meramente escolar, sem nenhuma descoberta original nem nada, mas, para não dar o braço a torcer, eles imediatamente tiveram de publicar uma coisa e dizer “nós também publicamos um livro sobre Aristóteles”, porque fazia 30 anos que não se publicava nada sobre Aristóteles no Brasil e eu rompi esse silêncio.

Tudo isso é uma mentalidade muito mesquinha, mentalidade de grupelho, de autodefesa. É uma mentalidade comunal, como diria o Zinoviev. Nós não poderemos fazer nada pela cultura brasileira se nós estivermos infectados pela mesma mentalidade. Nós temos que entrar no campo com uma mentalidade de uma honestidade estrita, de idoneidade e de retidão. Caso contrário, não adianta; você simplesmente vai trocar uma putaria por outra putaria e isto aí não adianta. E você ter outras idéias políticas não o torna melhor, absolutamente. Julgar que a sua maldade pode ser compensada pelo fato de que você adotou uma idéia política é exatamente cair no critério ideológico: o que interessa não é o bem e o mal absolutos, mas é a corrente política que você está ajudando. Isto é pensar como comunista, é a mesmíssima coisa, embora com um conteúdo ideológico invertido. Mas o procedimento é o mesmo e se continuarem assim, será perpetuado esse mesmo estado de iniquidade e nós não podemos colaborar com isso de maneira alguma.

Estou me referindo novamente a isso pelo fato de que saiu esta semana na revista *Dicta e Contradicta* uma entrevista do senhor Mauro Sá Martino posando como se fosse um grande descobridor do Mário Ferreira, quando obviamente ele não conseguia entender nada do Mário Ferreira antes de ler a introdução que eu escrevi para a *Sabedoria das Leis Eternas*. Foi a partir daquela introdução que as pessoas puderam enxergar o Mário Ferreira sob uma certa perspectiva. Não é certo dizer que eu integrei o Mário na cultura brasileira porque não há uma cultura brasileira em que ele possa ser integrado. Eu simplesmente o tornei inteligível para um público leitor que antes ficava perdido no meio daquele oceano de papéis. Então de novo insistiram nessa história. Até onde vai isso? Não estou falando isso por ter sido eu a vítima, mas porque quando a vítima foi o Mário Ferreira ou o Carpeaux, eu fui o primeiro que foi lá defender a honra dos falecidos. E com relação ao Gilberto Freyre, a mesmíssima coisa. Quando entrou na moda cuspir na imagem do falecido, pegar leves suspeitas indefinidas e encobrir com elas a obra inteira que o sujeito fez, também fui eu o primeiro a protestar, como agora também estou protestando contra a marginalização do Ângelo Monteiro. No próximo programa True Outspeak vou falar disso: o Ângelo Monteiro foi um excelente poeta, ensaísta e filósofo pernambucano, mas quando o pessoal fala de cultura pernambucana, esquece o Ângelo Monteiro que já estava fazendo coisa melhor do que eles dez anos antes.

Esse tipo de coisa tem de parar. E, sobretudo, nós aqui do Seminário não temos nem mesmo o direito de pensar em praticar uma coisa dessas. Nunca!

Em seguida, nosso amigo Douglas Gonçalves volta ao tema do Wittgenstein, mas eu acho que ele merece uma resposta. Ele diz que minhas críticas ao *Tractatus Logico-Philosophicus* estavam erradas pelo seguinte:

Sendo a sentença do Tractatus Logico-Philosophicus contrasenso que pretende mostrar o inefável e não dizer o mundo, não faz sentido criticá-lo demonstrando que suas sentenças nada dizem sobre o mundo, já que o próprio autor afirma isso sem a menor cerimônia (...)

Mas um momento: dizer que o inefável é inefável não é mostrá-lo. Em nenhum momento existe nenhum indício de um mundo divino ou transcendente a ser observado, a ser conhecido de algum modo, a ser visto ainda que indizivelmente. Dizer que o inefável é inefável, dizer que o indizível é indizível não é mostrá-lo de maneira alguma. Mostrar a impotência da linguagem para tratar de certos assuntos não é mostrar nada sobre esses assuntos. Ele não está falando desses assuntos; está falando apenas da linguagem, então isso está 100% errado, Douglas. É que as pessoas às vezes lêem Wittgenstein e têm a impressão de que, como ele demoliu as possibilidades da linguagem, então só restou a contemplação. Mas eu digo a contemplação do quê? Se não há nada para ser contemplado, meu filho, então não tem contemplação; há somente o silêncio. Quando o *Tractatus Logico-Philosophicus* termina com aquele negócio, “o que não se pode falar deve se calar”, ele não mostrou nada para além do que se pode falar, absolutamente nada: zero!

Além disso, indizível é uma coisa, incognoscível é outra e inapreensível é uma terceira. E, em tudo o que Wittgenstein fala, existe uma confusão tremenda dessas coisas. Ele diz que a linguagem dele é impotente para tratar dessas coisas. Mas, um momento. Suponha que você seja o cego ou o paraplégico curado pelo nosso Senhor Jesus Cristo. O que há de indizível nisto? O que é que há de indizível no relato de uma intervenção miraculosa? Não há nada de indizível! O transcendente transcende, e aquilo que transcende necessariamente abrange. Portanto, está presente. Agora, você tornar todo o mundo transcendente inacessível é negar a presença e, aliás, Wittgenstein nega: ele disse que Deus não se manifesta no mundo. Se Deus está acima do mundo e ele é inefável sempre e em tudo, então nada podemos saber dele e nada há a ser contemplado, muito menos para ser mostrado, Douglas. Como é que você pode mostrar uma coisa que é inalcançável? Se você apontou algo, já não está inalcançável. Você já tem alguma referência dela. Tome, por exemplo, a famosa história do Buda, do dedo que aponta a Lua. Bom, o dedo aponta a Lua porque há uma Lua para ser apontada. Se não houvesse nada [para o dedo apontar], haveria somente o dedo. E o que há em Wittgenstein é realmente um dedo que aponta um nada e o chama de inefável. É claro que isso é uma palhaçada. É claro que isso não merece mais de dez minutos de atenção. Se não fosse a complexidade de certas passagens do *Tractatus*, ninguém teria prestado a menor atenção nisso. Mas a complexidade toda está lá apenas para exemplificar a total inépcia espiritual do autor que está pretendendo justamente tratar de assuntos que estão acima da capacidade dele.

O que ele está dizendo é o seguinte: “Eu nada sei a respeito. Portanto, eu não vou falar mais nada a respeito.” É isso o que ele diz. Mas isso ele podia ter avisado no começo! Não precisava fazer uma imensa demonstração de lógica para saber uma coisa que nas primeiras linhas do seu livro já se percebe. Isso é como amarrar lingüiça no rabo do cachorro para o cachorro ficar correndo em volta e dizer que no fim não existe mais nada além da lingüiça. Espero que o Douglas tenha entendido a diferença. Quando ele disse que “pretende mostrar...”, ele não mostrou nada! Ele não falou nada, não há a mais mínima indicação. Ele diz que o inefável está no topo da linguagem e para lá da linguagem. Isto não é verdade; isso não é verdade nunca! Nós temos inúmeras manifestações de Deus no mundo! E se não houvesse nenhuma, você nunca teria ouvido falar a respeito. E se fosse absolutamente inefável e absolutamente incognoscível, jamais teria sido conhecido, nem mesmo como hipótese.

Vamos ver outra pergunta.

Aluno: Sou um novo aluno e estou muito preocupado quanto ao acompanhamento das aulas. Atualmente, tenho mais de sessenta aulas antigas para assistir, além das novas para acompanhar. Não sei se continuo assistindo as antigas apenas, na esperança de quem sabe um dia acompanhar as novas no decorrer do tempo. Tenho ainda de ler os livros indicados, textos e fazer os trabalhos. Você tem algum conselho ou alguma dica de como eu poderia aproveitar o estudo para que eu possa progredir mais rapidamente? Quando eu assisto suas aulas, eu entendo tudo direitinho. Mas algumas vezes, sobretudo nas perguntas dos alunos, estes usam terminologias técnicas que não conheço e freqüentemente me perco.

Ora, acho que isso não é problema nenhum. Se a dificuldade é apenas essa a respeito de termos que você desconhece, é só perguntar pelo chat e algum dos alunos o ajudará ou eu mesmo, se ninguém souber explicar.

[00:40] Agora, eu acho que o pessoal que está acompanhando as aulas atrasadas leva alguma vantagem porque, à mesma medida que está ouvindo as primeiras aulas pela ordem, ele tem alguma dica de aonde vai chegar mais tarde, ainda que não compreenda perfeitamente a aula atual. Esta não precisa ser compreendida perfeitamente porque você vai ouvi-la duas vezes. Digamos, por exemplo, que estamos transmitindo a sexagésima primeira aula e você está ouvindo a décima segunda. Muito bem. Você ouve a sexagésima primeira e sabe que algum dia vai chegar lá. Você não a entendeu muito bem, mas sabe mais ou menos para onde a coisa está indo. Mais tarde, vai ouvir a aula de novo. Ou seja, você irá ouvir a aula presente duas vezes: uma agora, a outra quando você alcançar a série das aulas que você está ouvindo pelas gravações. Você terá muita vantagem, e o curso foi feito com esta idéia. É claro que existe uma unidade de propósito em todas as aulas e é claro que quando eu comecei isto aqui, eu tinha uma idéia do conjunto do que eu queria percorrer. Não estou fazendo nada na base do puro improviso. Ainda que a gente dê muitas voltas, aqui não se dá ponto sem nó. Quando eu estou dando uma aula, estou consciente de que há pessoas que ouviram desde a primeira, há pessoas que acabaram de chegar e há pessoas que estão no meio do caminho. A minha idéia é justamente essa: que a compreensão “deficiente” que você tem da aula presente coloca em você uma série de dúvidas, de perguntas que tornarão ainda mais esclarecedor o que você vai ouvir nas outras aulas anteriores.

Além disso, temos os resumos que o Mário Chainho fez das 16 primeiras aulas e, por favor, Mário Chainho, continue. Faça os resumos das outras. O trabalho está maravilhoso e você não tem idéia de como ajuda a mim e a todos os outros alunos com isso.

O Hélio Rodrigues Pereira se apresenta para dar a tarefa de edição do Mário Ferreira dos Santos. Vamos fazer uma primeira conversação na próxima quarta-feira à noite e, então, combinaremos as outras. Quando for então oito horas pelo horário de Brasília, me ligue no Skype (olavodecarvalho).

Aluno: nas últimas aulas, ainda temos tratado, mesmo que em paralelo, sobre o desenvolvimento e o amadurecimento da personalidade filosófica, da confiança sobre a autoridade do espírito ao conhecer. Para mim, isso é transcendentalismo versus materialismo, e, mais atualmente, ateísmo dogmático versus cristianismo. Por isso, queria saber sobre essa etapa da sua vida: o senhor passou por algum processo de conversão? Você já comentou que nunca se afastou demasiado do cristianismo, mas queria saber se já chegou a ter conflitos e dúvidas como um Lewis ou um Chesterton antes de virarem apologistas. Ademais, quando senhor diz que é natural da condição humana que duvidemos, o que quer dizer exatamente? De que dúvida falamos? O senhor se refere

a duvidar de coisas como, por exemplo, a infalibilidade papal, somente, ou às vezes chegarmos a duvidar do próprio Deus e da autenticidade do seu filho?

Eu devo dizer que os dogmas da Igreja nunca foram problema pra mim. Nunca. O que é dúvida pra mim é o sentido deles: é como *eu* devo compreendê-los e, sobretudo, como eles se traduzem na vida concreta. Já dizia São Tomás de Aquino: toda situação que você vive é uma situação singular, concreta e irrepetível, e todas as normas que você conhece – todas as leis da ciência bem todos os dogmas da igreja – são genéricas.

A tradução do genérico para o singular não é automática. Tem gente que acha que é: você pega o dogma da Igreja, põe no seu computador e ele vai traduzir para todos os casos particulares. Não, realmente não é assim. Por quê? Os casos particulares não aparecem como deduções do dogma da Igreja. Por exemplo, se você tem um conflito de consciência qualquer, esse conflito de consciência foi criado pelas circunstâncias da sua própria vida, circunstâncias estas que são em número inabarcável. Os fatos concretos não emanam de regras gerais. O que emana de regra geral é o julgamento que você vai fazer sobre eles. Não fazer esta distinção é confundir a *ratio cognoscendi* com a *ratio essendi*, a ordem do conhecer com a ordem do ser. Na ordem do ser, os fatos, as situações emanam de um número às vezes inabarcável de causas que, então, convergem para produzir um determinado fato, uma determinada situação concreta. Porém, a “aplicação” dos dogmas da Igreja à compreensão da situação e à dedução da atitude que você tomar, esta sim vai do geral para o particular. Temos aí dois trajetos opostos: um que produziu a situação e outro que produz o seu entendimento dela, seja a partir do dogma da Igreja ou de uma lei científica ou de um princípio filosófico geral. Essas coisas nunca se encaixam perfeitamente bem. Se se encaixassem, nossa vida seria um tratado de lógica e tudo que seria muito fácil.

Por exemplo, o que um sujeito católico deve fazer diante das modificações desastrosas introduzidas pelo Concílio Vaticano II? Ele pode aliviar a consciência dele apelando para o sedevacantismo, dizendo: “não há Papa. O mandato do Papa não é válido. Portanto, nós mesmos temos de deduzir as coisas a partir da doutrina e agir em conseqüência.” Vocês acham que isso é assim lógico, é tão tranqüilo como parece? Não, de maneira alguma. Eu leio muitas coisas desse monge Michael Dimond. Ele aponta muitas “heresias” nos escritos, nas falas de Joao Paulo II, Bento XVI, Paulo VI, etc. Em alguns casos, eu vejo que ele parece ter muita razão. Porém, em nem um único caso que eu encontrei, havia uma heresia no sentido formal; havia algo que pode ser interpretável no sentido herético. Para saber se a coisa é formalmente herética ou não, eu teria de recolocar aquilo dentro de casa escrito e julgar se o efeito total foi premeditadamente herético ou não. Mas isso é um trabalho para dez vidas. Eu não posso concluir isso. Não dá para fazer! Então, a resposta é: “não sei”.

E, quando você não sabe, nós temos um problema: sim, nós temos que seguir os mandamentos da Igreja, mas seguir os mandamentos no sentido geral é uma coisa e identificá-los na vida de todos os dias e para todas as situações é outro problema completamente diferente. Então, desde há muito tempo, eu me coloquei a seguinte proposta: eu vou tomar os dogmas da Igreja como um conjunto de normas dos quais eu devo me aproximar não por meio de uma modelagem imediata de minha conduta externa por elas (porque em muitos casos eu não sei como fazer isso), porém fazendo um esforço sério de internalizá-las e de enxergar as coisas como Deus quis que nós as víssemos. Então, você tem de se transformar internamente primeiro e externamente depois. Esse é um processo que leva uma vida. Porém, eu não conheço nenhuma outra atitude que possa ser verdadeiramente sincera e honesta. É claro que a simples abstenção de fazer certas coisas não é o suficiente.

Veja que nos 10 mandamentos existe uma série de mandamentos que são proibições – “não faça isso, não faça aquilo, não faça isso”. Isso parece relativamente fácil. Porém, não esqueça o seguinte:

Jesus disse que tudo isso depende dos 2 primeiros mandamentos e, dos 2 primeiros mandamentos, nenhum é restritivo, nenhum é uma proibição. São mandamentos positivos; *faça* determinada coisa: “ama a Deus sobre todas as coisas e ama o teu próximo como a ti mesmo”. Os outros 8 mandamentos [00:50] devem ser interpretados em função desses dois. Temos 8 proibições que são baseadas em 2 mandamentos positivos. Se você obedecer as 8 proibições mas não for no espírito dos 2 primeiros, você errou tudo. Foi há muito tempo que eu percebi isso. Todo o problema é este: *o que é amar a Deus sobre todas as coisas e o que é amar o próximo como a mim mesmo*. Decidi tentar descobrir isso e, na medida em que eu vou descobrindo, isso vai se transformar naturalmente na minha conduta. Isso é o que eu posso fazer no curso de uma vida.

Eu não sei qual outra coisa poderia fazer. Eu nunca passei por um processo de conversão, nem sei o que é isso. Eu não acredito que as nossas crenças pessoais, as nossas idéias pessoais tenham a mais mínima importância nesse aspecto. Se o sujeito diz, por exemplo, “eu acredito em Deus” ou “eu não acredito em Deus”, isso é um produto do seu cérebro. Isso traduz a percepção real que ele tem da existência? Não necessariamente e, na verdade, quase nunca. O que seu cérebro diz é uma coisa; o que seu coração sabe é outra coisa completamente diferente.

Nas aulas anteriores, eu mostrei pra você que se não existe pelo menos uma vaga consciência de imortalidade, você está fora desta coisa inteira. E quando as pessoas estão ali, rezando, confessando seus pecados, etc., mas não estão colocados na perspectiva de imortalidade, elas não sabem o que estão fazendo. realmente. O cérebro delas está produzindo uma série de raciocínios, uma série de decisões etc. Mas o que se passa no coração delas pode ser uma coisa completamente diferente e todo o nosso problema consiste exatamente em começar a encarar as coisas não desde o ponto de vista dos produtos do seu cérebro, mas desde a realidade efetiva apreendida no coração. O coração é o símbolo do centro do ser – o verdadeiro centro perceptivo e decisório, não daquilo que você pensa mas daquilo que você sabe permanentemente. Aquilo que você sabe permanentemente é tão básico, tão fundamental que a atividade incessante do cérebro encobre aquilo. Na Bíblia está dito que Deus sonda os rins e corações; nunca diz que Ele sonda os cérebros. Deus vai conversar com você não através das suas idéias, mas através das suas percepções reais profundas e permanentes. Mas se nós mesmos não estamos conscientes dessas coisas das percepções reais profundas e permanentes, então meu filho, o que você acha ou deixa de achar não tem a mais mínima importância!

Se o sujeito diz “eu creio em Deus”, ou “não creio”, ou “sou ateu” ou “sou espiritualista”, “eu sou comunista”, “eu sou anarquista”, “eu sou budista”, tudo isso é uma frescura cerebral, apenas. Não é a verdadeira percepção que o indivíduo tem. Não adianta ficar discutindo a crença do outro se essa crença é uma superficialidade cerebral que saiu da massa cinzenta dele num certo momento e vai desaparecer no outro. Tudo isso é perda de tempo. O nosso esforço é para nos instalarmos na verdadeira realidade, a realidade profunda e mais permanente, a mais decisiva que aja dentro de nós. O que interessa é dizer como eu estou percebendo as coisas realmente não só nesse momento, mas o que é que eu tenho visto desde criança, o que no meu coração nunca neguei porque eu sei que está ali.

Por exemplo, você já duvidou que você fosse você mesmo? Algum de vocês já disse: “eu não sou eu, eu sou o Zezinho”? Se fizer isso, você será internado. De onde você tirou essa confiança inabalável na permanência do seu ser? Você pode averiguar todas as suas sensações, elas não fundamentam isso; toda a sua atividade cerebral não fundamenta isso e se você investigar mais profundamente a estrutura da percepção, verá que isso na realidade é impossível. Por exemplo, cada um de vocês está convencido de que é uma individualidade única e insubstituível, não dá para trocá-lo por outro. Você sabe isso não só a respeito de si mesmo, como sabe a respeito da sua namorada, do seu irmão, da sua avó, da sua tia, de todo mundo. Onde está essa percepção de individualidade?

Não pode ser uma percepção conceptual. Para o pensamento racional, só existem categorias genéricas. Então, será pelos sentidos? Não pode ser. Os sentidos por si mesmo só percebem qualidade gerais – formas, sons, medidas, gostos, etc. Não percebemos nada de singular pelos sentidos. Se não pegamos a singularidade nem pela razão nem pelos sentidos, por onde nós pegamos, então? E, no entanto, é fácil perceber que sem a percepção de singularidade nós viveríamos no mundo da lua. Nós estaríamos completamente perdidos no tempo e no espaço. Portanto, é forçoso reconhecer que por baixo da sua atividade racional e da sua atividade perceptiva, existe um conhecimento mais profundo e permanente que lhe dá a verdadeira realidade das coisas e que se utiliza das sensações e da razão mais como instrumento de comunicação do que um instrumento de conhecimento. Esta consciência de individualidade profunda e permanente é ao que eu me refiro como senso de imortalidade, e é por isso que este é o princípio da filosofia. Veja que em Sócrates e Platão, a prioridade da consciência de alma imortal sobre tudo o mais é a coisa mais óbvia do mundo. Tudo o mais eles podem questionar, mas isso não se questiona porque é ali que eles se instalam para poder questionar e tudo mais. Quem questiona todo o resto? É a alma imortal.

Eu posso dizer que eu tinha esta percepção muito antes de que eu conseguisse transmutá-la em discurso até para mim mesmo. Eu não tinha isso nem como discurso, nem com imagem, mas estava lá porque isto é eu.

Há muitas aulas atrás, quando eu falei da percepção de fato concreto, eu estou me referindo à mesma coisa. Ora, quem é que não que sabe o fato concreto só acontece num determinado momento do tempo e do espaço, é irrepitível (pode ser imitado, mas não repetido) e se compõe da convergência de um número praticamente ilimitado de processos causais – alguns essenciais, outros acidentais? Quem não sabe disso? Todo mundo sabe. Uma vez que você conseguiu transmutar isso em palavras, todo mundo percebe, é claro que é assim.

Vamos tomar por exemplo o fato mais simples: o gato miou. Tente recompor todas as linhas causais que fizeram com que o gato miasse precisamente agora. Em primeiro lugar, o gato precisa existir e, em segundo lugar, precisa ser um gato. O que trouxe este gato à existência e o que fez com que ele fosse um gato? Pronto. Está aí um enigma que você não consegue resolver. Nós somos capazes de perceber fatos concretos, mas não somos jamais capazes de recompor o orbe inteiro dos processos causais que o determinaram.

Nós sabemos algo com certeza absoluta e, ao mesmo tempo, não podemos dar nenhuma prova disso, porque todas as provas se fundamentariam na própria consciência de fato concret. Você não pode provar que um fato concreto é um fato concreto porque todas as provas se baseariam nisso. Aliás, qualquer outra prova de qualquer outra coisa também se basearia nisso. Se você não tem capacidade perceber fatos concretos, então as provas que você possa prestar do que quer que seja serão sempre provas hipotéticas, como um computador pode formar cadeias demonstrativas enormes, mas são todas hipotéticas. O computador não pode dizer se algo aconteceu ou não aconteceu. Ele não tem individualidade.

[01:00] Essa consciência de alma imortal está no centro do ser humano e ela se identifica com a consciência de individualidade. Ela não pode ser conhecida por nenhum outro meio a não ser ela mesma. Destas coisas, de certo modo, eu sempre soube. É claro que houve momentos em que meu pensamento tomava outra direção, mas, quando isto acontecia, é claro que eu ficava perdido no espaço. E o que mais me impressiona na minha história pessoal é a minha capacidade de ficar perdido no espaço – capacidade de pensar coisas que não têm absolutamente nada a ver com a realidade concreta e com as quais a gente perde um tempo enorme. É impressionante [como há um]

desperdício de massa cinzenta, quando o cérebro deveria ser posto a serviço do senso de realidade concreta a todo momento!

No entanto, quando você entrar numa faculdade de filosofia (vamos supor que seja uma faculdade muito boa), eles vão treiná-lo apenas a discutir coisas hipotéticas. Por exemplo: livre arbítrio versus determinismo e questões desse tipo. São questões hipotéticas. Se você se instala mesmo no senso de realidade concreta, essas perguntas simplesmente não surgem, pois elas são problemas apenas do ponto de vista da comunicação verbal humana. Discutir essas questões é confiar na sua capacidade falante em vez de confiar naquilo que você sabe, naquilo que você está vendo e naquilo de que você tem certeza absoluta.

Eu disse que a consciência de imortalidade traz imediatamente a consciência da falta de fundamento do seu ser. “Por que eu existo?” Você tem certeza absoluta de existência de sua individualidade. No entanto, este conhecimento que vem investido de certeza absoluta, ele ao mesmo tempo vem desprovido de fundamento. Essa certeza não vem pelo motivo de Descartes – “Penso, logo existo”. Para dizer isso, você tem de ter a consciência antes. Você sabe que algo o trouxe à existência. Não adianta fugir para a explicação biológica da sua origem: “eu existo por causa do ADN”. Não. Isso é outra coisa.

A partir do momento em que tem consciência de mortalidade, você sabe que você não é o seu corpo. Ademais, se você leu – como eu li – um número suficiente de depoimentos não só sobre os casos de pessoas que ressuscitaram, mas outros casos inúmeros que vêm da parapsicologia (que já são bem antigos), você sabe que a imortalidade é um fato. Não há mais o que discutir. Ela existe, ela não é uma tese, não é uma crença; simplesmente, é algo que acontece, não importando em que você crê. As explicações e as teorias possíveis para estes fatos são tão numerosas quantos as cabeças humanas, mas o fato continua o mesmo.

Se você entendeu que a imortalidade é um fato, que a imortalidade é a sua própria individualidade, que não há outra individualidade (nem mesmo fisicamente você tem uma individualidade, porque o seu corpo está numa contínua transmutação), você entende que a sua individualidade não é uma coisa psíquica, porque o psíquico é cerebral e está em constante mutação. Se não houvesse uma consciência de imortalidade no centro de tudo isso, a sua própria auto-imagem se esfacelaria e você seria uma personalidade multitudinária. Você seria todas as pessoas e não seria capaz de reconhecer a si mesmo quando acorda na mesma cama em que dormiu.

Nós temos no centro de nós esse conhecimento miraculoso e, de certo modo, quando o entendemos, percebemos também que é infalível. Somos dotados de uma realidade, temos um ser. O fundamento desse ser não está em nós. E temos um conhecimento inabalável e certo e o fundamento deste conhecimento também não está em nós. Imediatamente, tão logo se percebe isso, você está falando com Deus na única posição possível, onde há um sentimento de gratidão infinita. Você então se transforma nessa gratidão e percebe que essa gratidão é o seu próprio ser e sempre foi. Diz-se que o Céu e a Terra celebram a glória de Deus. Eu também estou aqui celebrando a glória de Deus o tempo todo, quer meu cérebro faça isso ou não.

Assim, passamos de uma existência meramente hipotética, mental e cerebral para a existência real, na qual sempre estivemos. A descoberta disto tem um efeito imediato para os estudantes de filosofia: eles param de procurar as respostas para as perguntas filosóficas no raciocínio. Eles aprendem a esperar que a evidência apareça perante a alma imortal como um componente dela própria. Por isso, fazer muitas perguntas idiotiza. Há um ditado russo que diz “um só idiota pode fazer sessenta vezes mais perguntas do que sessenta sábios conseguirão responder”. Não se trata de

fazer perguntas; trata-se de adotar uma atitude de aceitação, de contemplação da sua própria realidade e da realidade em torno. É essa transmutação que pode fazer de um idiota um grande filósofo.

Já dizia Platão que um grande filósofo não é um pensador; ele é um amante do espetáculo da verdade. Lembro até daquela discussão do Paulo Ghiraldelli, que dizia que os filósofos não são amantes do espetáculo. Mostrei o texto grego pra ele. Mesmo assim, ele continuou teimando. Está bom. Fui vencido. A absoluta inépcia do adversário é invencível. Portanto, fui vencido. Se ele não pode entender o texto, o que mais eu posso fazer? Isso é a mesma coisa que chegar num país, tentar pagar algo com uma nota de cem dólares, mas o vendedor não sabe ler o número cem. Ele não vai aceitar os seus cem dólares. Ele venceu a briga.

O filósofo é um amante do espetáculo da verdade, é um contemplador. Mas é contemplação mística? Deixa a contemplação mística para o Wittgenstein. Não se trata de contemplação mística, mas, simplesmente do espetáculo da verdade, o espetáculo do qual você faz parte. Se eu conseguir pegar pelo menos alguns dos meus alunos e transmutá-los nisso, de maneira que eles parem de fazer perguntas enervantes para si mesmos e aprendam a buscar repetidas vezes o verdadeiro senso de realidade, estarei satisfeito. Isso não quer dizer que eu saiba estar nesse estado em modo permanente. Ao contrário, eu me esqueço disso vinte vezes ao dia porque o cérebro não pára.

Essa foi realmente a minha experiência. Posso dizer que eu sabia disso desde que eu era criança. O problema não é saber disso; o problema é lembrar-se disso. [O desafio é] lembrar e voltar à mesma posição toda vez que você tiver dúvidas. O que fazer [quando em estado de dúvida]? Entre no estado consciência de imortalidade, pergunte para Deus e espere que Ele responda. E se Ele não responder, Ele sabe o que está fazendo. Você não mais conduzirá o processo e estará feliz com isso, pois terá assumido que não é o Criador, mas criatura, apenas. Você diminui de tamanho e agora está sentado na realidade. Todo o trabalho é este.

Toda a técnica filosófica destina-se, no fim das contas, a uma só coisa: acalmar o seu cérebro e impedir que ele crie mais confusão do que ele já tem. Se é pra colocar uma pergunta, [01:10] coloque-a de maneira que seja viável e que não o afaste da realidade.

Vou dar um exemplo de como é que o cérebro funciona perversamente. Essa semana saiu uma entrevista do físico Stephen Hawking. Ele diz: “Deus não criou o mundo porque nós demonstramos que é perfeitamente possível que o *Big Bang* tenha acontecido por uma combinação das quatro forças físicas fundamentais que o compõem.” Ora, e quem criou as quatro forças e como elas surgiram, antes do *Big Bang*? Ele está confundindo o surgimento, a origem de uma etapa da história do mundo, com a origem do mundo. Este é o item um. Em segundo lugar, *Big Bang* não é um fato; é uma teoria. Não sabemos se aconteceu. O que ele está dizendo é o seguinte: caso ele tenha acontecido, ele poderia ter acontecido sozinho. Concordo perfeitamente. Só que não sabemos se ele aconteceu. E, se ele aconteceu, há quatro forças pré-existentes. Então, o que ele disse? Não disse nada.

Essa é uma maneira de raciocinar inteiramente perversa. Quando nós falamos do mundo que Deus criou, nós estamos nos referindo ao mundo real com tudo aquilo que o compõe. Este é o mesmo mundo da física? Não. [A respeito do] mundo da física quântica, os cientistas sabem que existem certas partículas que parecem fazer isso, parecem fazer aquilo e eles podem medir e prever o que as partículas vão fazer. Mas qual o estatuto antológico dessas partículas? Ninguém sabe. Agora estou relendo o livro do Wolfgang Smith, *O Enigma Quântico* – que foi muito bem traduzido por um aluno nosso, o Rafael de Paula, ao qual estamos todos gratíssimos por isso –, e observo que os

físicos sabem muita coisa através das partículas, mas não sabem o que elas são. Então, o mundo da física não é o mundo real; ele é um aspecto da realidade cujo estatuto no conjunto do real ninguém sabe. Vamos supor que você até consiga demonstrar a origem dessas partículas. Você demonstrou a origem do mundo? De jeito nenhum.

Agora, por que tantos físicos escrevem livros sobre filosofia, teologia, metafísica etc.? Se eles escrevem tanto sobre isso, é precisamente porque eles estão incertos quanto ao estatuto de realidade do seu objeto de estudo. Nada que a física descubra nos dirá absolutamente nada sobre a origem do mundo real. Nunca, nada. Agora, como é que o Hawking não sabe disso? Ele não sabe porque é um cara que está impressionado com o seu próprio cérebro. Ele ganha um dinheirão com isso e já não mais sabe distinguir o que é produto cerebral do que é senso de realidade. O número de pessoas que estão infectadas com isso e fazem sucesso é um negócio impressionante.

Mas as opiniões deles vão e vêm – elas passam. Mas como diz a Bíblia, as palavras de Deus não passarão. É nessas palavras que não passam que você tem de se instalar. Não que se deva ler a Bíblia e sair repetindo aquilo, batendo com ela a cabeça dos outros. Que é isso! Você é um pecador. Primeiro, vamos aprender a amar a Deus sobre todas as coisas. Quando você ama alguém, você presta atenção na pessoa, não é isso? Ou é o contrário? Você ama e não quer ver nunca? Qualquer moleque apaixonado pega a mulher amada e fica o tempo todo olhando pra ela, não fica? Com Deus é a mesma coisa. Você tem de olhar e ver e conhecer e saber. Esta é a primeira coisa. A segunda coisa: você quer que os outros façam a mesma coisa porque isso é bom. Isto é o que vai dar a eles a consciência de imortalidade, e eventualmente até a salvação da alma. Esse é todo o serviço. Agora, o que as pessoas entendem como religião às vezes coincide com isso, mas na maior parte dos casos, não coincide.

Nessa semana, houve uma discussão com um conservador aqui. Ele estava indignado porque o Rush Limbaugh contratou o Elton John no seu casamento. “Está vendo? O Rush Limbaugh é um falso conservador, porque ele está aí promovendo um gay etc.!” Mas o que é que o Elton John foi fazer lá? Ele foi lá fazer um casamento gay? Não, ele foi lá para cantar no casamento do outro. Você não pode recusar um emprego para um sujeito por que ele é gay. Isso não tem sentido. Ser contra o movimento Gay é uma coisa; ser a favor de discriminar o cantor no show porque ele é gay é outra coisa completamente diferente.

Mas as pessoas fazem isso porque elas lêem tudo aquilo na Bíblia e elas ficam angustiadas. Elas vêem que tem tanto pecado no mundo que elas ficam desesperadas e querem limpar de algum jeito. Você não vai se limpar jamais. E quer saber? Isso não tem a mais mínima importância. Quem vai limpá-lo é Deus, porque Ele já o fez uma vez e vai fazer outra. Não se incomode. É o conselho do Padre Pio: reze e não se preocupe. Se eu puder passar isso para outras pessoas, eu acho que é bom pra elas e não consigo pensar nada de mau que possa decorrer disso aí.

Outra coisa: quando você entra no estado de consciência de imortalidade, os seus pecados e os seus erros aparecem todos na sua frente de uma vez. Eles aparecem e somem imediatamente porque você já os apresentou a Deus, já pediu perdão e já recebeu o perdão. Tudo isto é instantâneo. Então, para quê se preocupar com isso?

Agora, quando você pergunta sobre as dúvidas, eu acho que se o que você está procurando é uma experiência de realidade e conhecimento da realidade, você entende que as dúvidas são meras elaborações mentais em cima da experiência e que elas geralmente surgem de uma formulação prematura. Você deixa a atividade cerebral passar por cima do senso do fato. E isso aí é para pensadores, pessoas que gostam de pensar. E de pensar morreu um burro.

Eu fico muito ofendido quando chamam o filósofo de pensador, porque filósofo quer dizer pessoa que ama a sabedoria. Se ele ama a sabedoria, ele quer que a sabedoria o ensine. Ele se abre para ela, ele contempla, ele roga, ele pede e ela dá alguma coisa. Agora, se você quer pensar, você quer ensinar a si mesmo. E é claro que o número das perguntas que se pode fazer é infinito. A maior parte de ensino de filosofia no mundo trata de ficar elaborando essas perguntas. Ao adotar a posição existencial certa, você descobre que muitas vezes essas perguntas não são nada complicadas; elas são muito fáceis, desde que você não queira produzir uma resposta da sua própria cabeça e desde que você simplesmente aceite a realidade como ela vem.

O aluno Fábio Franco envia uma citação minha:

“Foi só depois do cinqüenta anos que eu fui perceber que não tinha dado o tempo certo para o culto a Deus. Claro que aceitava, acreditava, mas quantas horas por dia eu parava para clamar a Deus, pra ter uma conversa séria com Deus? Isso foi uma deficiência séria que eu corrigi.”

Corrigi, não: estou corrigindo. Porque eu digo para vocês que esse negócio de entrar no estado de consciência de imortalidade enche você de um júbilo que o corpo humano não agüenta por mais de alguns minutos. Então, você tem de parar. Eu contei a história do Padre Ladusans, meu mestre, que morreu de felicidade. É o único homem que eu conheço que morreu de alegria, quando os russos saíram do país dele, a Estônia. Disseram para ele: “Os russos foram embora”. “Foram embora?!” E ele caiu! Então, existe um limite para a nossa capacidade de júbilo. Também nós precisamos descansar e voltar para a nossa saudável estupidez de todos os dias. E a gente faz isso. Aos poucos, a gente vai aumentando [nossa capacidade], mas não adianta você querer muito porque quem está conduzindo esse processo é Deus. Você só pede. Essa é nossa única atividade, no fim das contas.

O Fábio pergunta: *o senhor poderia descrever como é o seu culto diário?*

É muito simples. É me lembrar da minha imortalidade, [01:20] sentir o júbilo e a gratidão e rezar nesta hora.

Agora, há momentos em que eu estou fora de sintonia, então eu rezo no automastimo mental. Eu falo assim: “Olhe, Deus, eu sei que estou rezando aqui como uma maquininha de rezar (os budistas têm aquela maquininha de rezar. Eles escrevem a prece no papel e ficam girando aquilo como um reco-reco), estou aqui rezando como o budista com a maquininha de rezar, mas o Senhor vai compreender a minha deficiência. Quando eu conseguir sintonizar de novo, eu rezo direito.” É só isso. Tem o culto grande e o pequeno. O pequeno é quando estou rezando meio distraidamente. Não que esteja desprezando aquilo, mas, simplesmente, a capacidade de atenção e de concentração diminuiu. É só isto.

Quando vou à missa, às vezes eu consigo acompanhá-la no estado devido. E eu vejo que, na infância, muitas vezes eu chegava a esse estado sozinho e eu ficava muito, muito comovido com a missa, muito. Quando eu era moleque, a minha mãe disse que eu chorava muito pouco. Embora eu estivesse com dor ou doente, eu estava sempre me divertindo, sempre de bom humor. Mas na missa, eu chorava. Depois, eu perdi essa capacidade e depois, voltei a ter. Isso acontece. Se você consegue sintonizar e saber o que realmente está se passando, você vai ter a sensação de júbilo e de gratidão. Normalmente, todo mundo tem. Se não tiver essa sensação uma, duas ou mil vezes, a nossa vida é assim mesmo. Nosso cérebro não pára de funcionar e não deixa você prestar atenção ao que interessa.

Aluno: O meu processo de procurar mais a Deus ganhou um novo alento, recentemente, quando li as seguintes palavras de David Walsh, na sua introdução à Anamnese de Voegelin: “há quase algo de cômico na busca torturada dos filósofos por uma realidade que é conhecida de uma forma bem íntima pela mais simples velhinha no banco da Igreja.”

Sim, a velhinha pode ter isso! A velhinha pode sintonizar na realidade. Não é toda velhinha, cuidado com as velhinhas. No Brasil, tem uma velhinha chamada Maria da Conceição Tavares... A Dilma também já não é mais uma mocinha. Muitas velhinhas têm isso e já tiveram uma visão de Deus, já tiveram resposta de Deus, receberam um milagre. Às vezes, tudo isso aconteceu.

Veja: a verdadeira alta cultura é, simplesmente, o culto das realidades mais altas. É, como diz Platão, a busca do bem, o amor ao bem supremo, isto é alta cultura. Tudo tem de ser marcado por isso. Agora, na alta cultura como na religião existe uma série de formas imitativas e perversas onde coisas que são meros meios começam a ser apreciadas como se fossem os fins. Isso pode acontecer com qualquer um de nós, isso tudo vem do nosso cérebro.

No concernente à alma imortal, os estudos de relatos de pessoas que passaram por ressurreição são mais recentes. Começam a partir dos anos cinqüenta, sobretudo com aquele livro Raymond Moody, *Vida Além da Vida*. Mas havia estudos anteriores, sobretudo na esfera da parapsicologia. Houve na Inglaterra e nos Estados Unidos a famosa *Society for Psychical Research*, que tinha lá celebridades da ciência. Eram cientistas de alto gabarito e que decidiram fazer uma revisão das narrativas de experiências de encontro com pessoas mortas. Depois, isso tudo foi reduzido a um conjunto abarcável e foi sistematizado pelo Joseph B. Rhine, da Duke University. Ele foi um grande sistematizador da parapsicologia.

Em muitos desses relatos, não é possível você negar de maneira alguma que houve um confronto e que a pessoa morta foi a parte ativa: ela é que comunicou, que disse algo que o “médium” não poderia saber, que os outros não poderiam saber, e que depois se confirma como realidade. O William McDowell, que foi o maior psicólogo americano, ele leu muitos desses relatos e disse que não há como negar. É evidente que existem processos cognitivos que estão totalmente fora do corpo e que eles pervivem depois.

O problema com o estudo parapsicológico dessas coisas é que as almas que voltam são geralmente almas do inferno. Já havia muitos relatos. O Monsenhor de Ségur escreveu o livro *L'Enfer*, sobre o inferno, no meio do século XIX. Ele já dava muitos relatos de pessoas que voltavam do inferno. Algumas voltavam imediatamente, dez minutos depois de ter morrido, às vezes voltavam anos depois. Os parapsicólogos conceberam um conjunto de estratégias para afastar a possibilidade fraude.

Excluindo todas as narrativas fraudulentas, sempre vai sobrar um certo número de narrativas que são verossímeis, que são possíveis e vai sobrar umas tantas que são absolutamente probantes.

Só que, quando você começa a estudar esse assunto, o conjunto desses estudos da parapsicologia dá uma impressão muito ruim. Fica a impressão de que você está entrando num universo de loucura porque as almas são do inferno. Este é que é o problema. A parapsicologia não é o modo certo de estudar isso. O modo certo é dirigir-se aos relatos de pessoas que voltaram [da morte]. Mas isso não quer dizer que o material recolhido pela parapsicologia seja inútil. Ao contrário, ela é muito útil, porque se o que nós estamos querendo é ter indícios da imortalidade, tanto faz se a imortalidade do sujeito relatado foi pro céu ou foi pro inferno. É nisso que eu insisto: nós somos imortais desde já, porque nós vamos para o céu, ou para o purgatório ou nós vamos pro inferno, mas para o nada nós não vamos – este é o ponto. Então a imortalidade já foi dada. A vida eterna no paraíso é outra coisa;

é um *upgrade* da imortalidade, mas a imortalidade já foi dada. Se você não está grato nem pela imortalidade, você não está grato nem pelo que você já recebeu. Como você quer receber mais alguma coisa?

Outra pergunta sobre a imortalidade da alma.

Aluno: Essa pergunta é sobre uma questão vital para mim e creio que para o curso também: a questão da imortalidade da alma. Você diz que a alma foi criada por Deus e também que a alma é imortal. Também tenho esse sentimento ou pressentimento de que nossa alma ultrapassa o nosso corpo material. No entanto, algumas dificuldades ainda me causam dúvidas, talvez induzidas pelos sentidos nem sempre claros das palavras, especialmente das palavras imortalidade e criação. Uma das dúvidas é saber se algo que foi criado pode ser imortal...

É claro que pode, este algo não será eterno, mas será imortal. Você não tem uma existência eterna, mas tem uma existência sem fim.

Este é o negócio mais extraordinário da coisa: você realmente foi criado do nada, você não existia. E você é instaurado por uma decisão divina que não será revogada jamais.

... A palavra imortal pode significar duas coisas bem diferentes: algo que foi criado fora ou antes do espaço-tempo...

Não, nós somos criados no tempo. A partir da nossa criação, nós estamos no tempo. Você pode preexistir como possibilidade na mente divina e, neste sentido, Ele diz que o conhece antes da sua criação. Mas conhecê-lo como possibilidade na mente divina é uma coisa e instaurá-lo como alguém dotado de vontade e consciência próprias é outra coisa completamente diferente. [01:30]

... A alma foi criada dentro do espaço-tempo e, nesse caso, ela é mortal porque, como tudo que foi criado no espaço e tempo, um dia terá de morrer...

Não. É exatamente esse o conceito da imortalidade: aquilo que é criado no tempo mas não está limitado a nenhum tempo, vai continuar existindo eternamente mesmo que esse mundo desapareça. Não é nem uma alma que está criada no tempo cuja existência esteja vinculada ao o tempo, e nem uma coisa preexistente, pois assim você seria eterno. Você está articulando as coisas como duas possibilidades: ou a eternidade ou a temporalidade absoluta. Não: existe um terceiro elemento que se chama justamente a *perenidade*. É a vida perdurável, que, uma vez instaurada, não será mais encerrada.

... Ainda outras questões relacionadas (...) como os tais objetos metafísicos: o bem, a verdade, a beleza, a justiça etc. São esses objetos potências da alma?

Não, de maneira alguma! São qualidades divinas. A alma participa disso remotamente e precariamente, mesmo em estado de plena consciência de imortalidade. Mesmo que você esteja diante da presença de Deus, você ainda será distinto das outras almas porque você sabe o que elas não sabem e ignora o que elas sabem. Podemos nos reportar aos experimentos psíquicos do célebre parapsicólogo Walter Franklin Prince. Ele tinha uma paciente com problema de personalidades múltiplas. Com o tempo, ele foi percebendo que algumas dessas personalidades tinham uma autonomia muito grande e eram, de certo modo, personalidades completas que tinham um passado que não coincidia com a história daquela menina, mas coincidiam com os fatos realmente sucedidos a terceiras pessoas. Então, isto aqui não é só personalidade múltipla; é alguma outra coisa. Então,

um dia, ele pegou uma dessas personalidades e exprimiu na parede e disse: “como é que você sabe que você não é ela?” Ou seja, você não é essa pessoa cujo corpo você está ocupando? E a própria alma respondeu: “porque eu sei coisas que ela não sabe, coisas que foram da minha vida”. E essas coisas realmente tinham acontecido.

Claro que os métodos psiquiátricos usuais não iam funcionar, e o que ele fez foi persuadir esta alma a voltar pra onde ela veio. Ele insistiu nisso até que um dia a alma sumiu, não voltou mais. Entre essas distintas entidades espirituais, não há essa separação física, mas uma sabe o que as outras não sabem e ignoram o que as outras sabem. Então, elas continuam perfeitamente distintas. É por isso que São Tomás disse que no paraíso estaremos fundidos mas não confundidos. A sua individualidade vai perdurar, mas não só perdurar: ela vai estar muito mais nítida pra você, porque enquanto nós temos a mera distinção física, essa distinção física pode falhar, como o prova o fenômeno da esquizofrenia, onde você pensa que é o outro. Mas em estado paradisíaco, não: a distinção é muito nítida e definitiva. Então, em vez de ser uma dissolução da individualidade no universal, ao contrário, essa individualidade continua e ela é realmente indestrutível.

Intervalo

Continuando, tenho uma pergunta do Alexandre Magno.

Aluno: Estou com profundas dúvidas sobre a metodologia de estudo. Para ser mais exato, fiquei bem preocupado depois de ter lido How to Read a Book, pois o modo ideal de leitura que o Mortimer Adler explica parece-me impraticável na maioria dos casos, devido à extensão de tempo necessário para ler cada livro. Assim, estou fazendo do seguinte modo: os livros necessários para a formação da minha cultura geral são lidos de forma mais superficial, absorvendo apenas a generalidade dos argumentos sem me absorver por questões específicas. Por outro lado, livros que tratam de assuntos a respeito dos quais pretendo escrever um dia são objetos de análise mais detida e metódica. A idéia seria a mesma?

Em primeiro lugar, o que você está fazendo é levar em conta a distinção feita pelo Padre Sertillanges no livro *La Vie Intellectuelle*, que é um dos livros que inspiraram o começo dessa minha atividade pedagógica. Ele distingue (não lembro exatamente os termos), em primeiro lugar, as leituras que são de ordem fundacional – para formar a base da sua vida intelectual –, em segundo lugar, os livros de leitura informativa, em terceiro, os de leitura inspiracional e, em quarto, leitura de pura diversão. É evidente que o tempo que você vai conceder a cada uma dessas leituras [será variável].

A maior parte dos livros que eu leio hoje são leituras puramente informativas. Às vezes, levo três, dois ou um dia pra e ler um livro. Leio e vou anotando rapidamente o que me interessa e pronto, acabou. Só volto àquilo quando precisar de uma consulta. Mas não posso fazer isso, por exemplo, com a *República* de Platão, ou com *A Divina Comédia*. Não dá, são livros que você vai ter de ler detidamente, às vezes voltar, fazer leituras repetidas em diferentes épocas da sua vida etc.

Agora, quanto ao método do Adler, é importantíssimo perceber que você não vai fazer o mesmo trabalho analítico com todos os livros que você ler; você vai fazer com cinco ou dez primeiros. O método se automatiza e daqui a pouco você acaba percebendo todas aquelas distinções rapidamente. O método não tem que ser repetido para sempre. O Adler recomenda cem livros. Eu faria uma lista bem diferente, mas não é necessário repetir o método até o fim. Ele está dando o modelo do que seria um curso de leitura sistemática. E no curso seriam realizadas todas aquelas práticas para cada livro. Imagina ele um período de cinco anos para completar isso.

Mas, de fato, não é preciso, eu mesmo nunca fiz isso. Eu fiz uma, duas, três, quatro vezes e, aos poucos aquilo foi se automatizando de tal modo que não dava mais tempo de tomar notas. Mas, por exemplo, o primeiro exercício que ele dá, que é notar as palavras que retornam e que são conceitos fundamentais do livro, isso é coisa que se automatiza. Com a prática, você não vai precisar ficar anotando tudo.

Realmente, não se preocupe com isso, Alexandre. Faça os primeiros e depois você vai vendo que a coisa se incorpora no seu hábito de leitura. Aliás, o objetivo é esse: o verdadeiro conhecimento é aquele que você já esqueceu porque ele já se incorporou em você; você já é aquilo, de algum modo. Então, não se preocupe muito com isso.

Ele tem outra pergunta.

Aluno: Como outros alunos, tenho interesse em uma área específica que é o direito. Seria interessante nesse ponto do curso ler filosofia e direito ou é recomendado deixar para mais tarde?(...)

Primeiro, você tem de ler tudo o que queira ler porque, se há um interesse específico, você não vai matar esse interesse só por causa do nosso curso. Continua, vai fazendo duas coisas ao mesmo tempo.

(...) Finalmente, o senhor diz que o melhor método não é estudar toda a obra de um autor e nem em ordem cronológica, mas tendo em vista um objeto determinado. Porém não haveria alguns casos em que tenhamos uma identificação tão profunda com determinado autor, tornando-se indispensável toda a leitura de sua obra?

Sem sombra de dúvida. Eu sou contra o ensino da filosofia por autores. Você não vai chegar a nada se estudar a filosofia de Platão, filosofia de Henri Bergson ou de Kant etc. porque isso é meramente a aquisição de cultura filosófica. A cultura filosófica é uma coisa que você vai ter que adquirir de qualquer maneira, mas que não é o objeto central do curso de filosofia. Mas isso não quer dizer eu seja contra a leitura de autores para outras finalidades, inclusive para a própria aquisição de cultura filosófica, é claro que não. Eu mesmo muitas vezes sinto essa necessidade. [01:40] Se eu li um livro de um autor, ele pode estar insinuando coisas que talvez ele deva explicar melhor num outro livro. Portanto, é melhor irmos de todos os outros. E idealmente a gente vai colecionando todos os livros do sujeito. Isso não quer dizer que você vai ler todos em série, mas [é necessário] pelo menos que você os tenha para que possa voltar a eles quantas vezes for necessário.

Lucas Lacerda pergunta:

Comecei a ler o Organon de Aristoteles com as categorias. Gostaria de saber qual ordem devo seguir.

Você começou pelo certo. Você tem de ler primeiro *As Categorias* e a *Interpretação*. Depois, você tem de ler dois livros que não foram enxertados no *Organon*, mas que, de acordo com a minha interpretação, fazem parte funcional dele: são a *Poética* e a *Retórica*. Você vai lê-los geralmente pela ordem dos quatro discursos: *As Categorias* e *Da Interpretação* são livros que se referem a toda a linguagem de um modo geral, a todo o pensamento verbal. Em seqüência: a *Poética*, a *Retórica*, *Tópicos* – onde ele expõe a dialética – e, finalmente, você vai para a lógica formal: os *Primeiros Analíticos* e os *Segundos Analíticos*. Por fim, você lê as *Refutações Sofísticas*. Se você fizer isso,

você percorreu a coisa toda. Mas não pule a *Poética* e a *Retórica*, acho que isso é um grande erro. O primeiro editor dos escritos de Aristóteles selecionou alguns trabalhos e colocou sob o rótulo de *Organon*, baseado nas distinções entre o que ele chama de obras teoréticas, obras práticas e obras produtivas e colocou, então, a *Poética* e a *Retórica* no rol de obras práticas. O fato de que os livros concretos se chamados *Poética* e *Retórica* sejam obras práticas não quer dizer que a ciência da poética não seja uma ciência teorética e que a ciência da retórica não seja, por sua vez, também uma ciência teorética. Então, enxerte: leia *Categorias*, *Da Interpretação*, *Poética*, *Retórica*, *Tópicos*, *Analítico I*, *Analítico II* e *Refutações Sofísticas*.

Aluno: Na sua apostila sobre a arte de estudar, a respeito da atividade intelectual formal, o senhor comentou a existência de dois tipos de inteligência: uma que tem rendimento após um longo esforço contínuo e outra que responde melhor a um esforço descontínuo e variado. Esses tipos estariam irrevogavelmente determinados pela caracterologia individual, cabendo a cada um aceitar o seu tipo e obter dele o melhor?(...)

Eu não sei, mas parece que sim. Às vezes, na prática, a gente vê que as coisas funcionam assim. Se você ler, por exemplo, as obras de São Tomás de Aquino, você vê que ele fez um tratamento continuado e metódico de uma questão desde os seus fundamentos até as suas conseqüências últimas. Seria muito difícil ele fazer isso se ele não tivesse a dedicação continuada. Não sei, historicamente, como ele compôs as obras, mas seria muito difícil fazer uma coisa continuada, tão ordenada, tão linear como ele fez se o próprio trabalho não fosse linear. Quando lemos o Kant, temos a impressão de que ele dá uma dedicação específica a um determinado assunto até terminar aquilo, até chegar a conclusões e escrever algo a respeito. Mas há outros filósofos que são anárquicos, por assim dizer, como Leibniz. Leibniz tratava de mil assuntos num mesmo dia, cada um ele tratava um pouquinho, tomava notas, mudava de assunto. Não sei se eu citei aqui o caso do Sir Richard Burton, um geógrafo que tinha dezesseis mesas no escritório dele, uma para cada assunto. Ele ficava dez minutos aqui, cansava, pulava para outra, e outra etc. Ele terminou escrevendo vários livros notáveis.

Eu acho que isso é caracterológico, as pessoas são assim. Tente dos dois jeitos para ver como você rende mais.

(...) Quanto ao tipo que necessita de longa e ininterrupta concentração, como ele pode desenvolver uma atividade intelectual quando está submetido às exigências de um meio altamente dissipador e da responsabilidade de um pai de família?

A resposta é: eu não sei. Você tem um problema aí. Mas eu acho que talvez seja possível você isolar certas horas e dizer “não falem comigo”. Eu me lembro do meu amigo Otto: para se preparar para o vestibular, ele se trancou no quarto durante três meses. E nós não vimos o Otto por três meses. A gente passava comida pela porta, ele não dava nem bom dia. Tem pessoas que são assim, talvez você possa fazer isso.

Explique para a sua mulher e para os seus filhos: “tem umas horas em que não pode falar comigo, eu inexistir durante esse período”. Outra coisa: eu acho que hoje em dia as famílias são muito exigentes. Elas requerem atenção demais. Eu não vejo que vantagem têm as crianças em que os pais fiquem prestando atenção o tempo todo. Eu acho que é melhor deixar a criança cuidando da vida dela e você fica lá no seu canto. Se ela precisar de alguma coisa, ela vem e fala. Eu acho que isso é até melhor para a educação das crianças.

Eu tenho a pergunta do Hélio Pereira Rodrigues sobre o filme Matrix, mas eu não consigo recordar os detalhes do filme. Então, não vou entrar nisso porque não quero falar besteira

Aluno: Gostaria de saber qual o procedimento para participar do grupo de estudos estratégicos e qual a finalidade do grupo.

Entre em contato através do *chat* agora mesmo com o Jaime Neto e pergunte para ele. Nós vamos ter então uma conversa na próxima quarta feira por *skype*. [A comunicação] será para o grupo de estudos estratégicos às nove horas na quarta feira e para o grupo do Mário Ferreira às oito horas, horário do Brasil.

Por incrível que pareça, acabaram as perguntas. Não deixei escapar nenhuma, só a do Matrix porque eu não me lembro da história; lembro pedaços soltos. A pergunta parece interessante, mas eu não me vejo em condições de dizer nada a respeito. Eu posso até ler para vocês, para quem quiser pensar no assunto e que lembram bem da história:

Um indício adicional de que o filme Matrix não deve ser compreendido como uma denúncia da falsificação é a falta de pertinência de muitos dos personagens e situações em função desse propósito. O sentido geral do filme não é captável a partir desse olhar. A fala dos personagens não é pertinente a esse ponto de vista. Numa interpretação resumida, o filme trata da contradição do herói em acreditar que pode fazer escolhas – crença que fundamenta sua habilidade em lidar com o Matrix – e a crença promovida pelo personagem oráculo de que o protagonista está destinado a ser um herói. Uma solução a esse conflito é apresentado no final do filme até que, no segundo [filme], aparece um novo problema.

Sinceramente, não sei. Não lembro o suficiente para falar disso. Se voltar a assistir, podemos voltar ao assunto. Mas quem quiser pode ir pensando.

Antes de encerrar, quero voltar o começo e lembrar o seguinte: a minha ambição em relação aos alunos deste curso é realmente fazer uma nova elite intelectual e esta elite tem de entrar em campo investida de uma profunda autoridade intelectual. Vocês já têm de entrar no campo como vencedores, como pessoas que estão falando desde um nível mais alto e que os outros não podem acompanhar. É claro que uma situação de descontentamento com a cultura vigente toda pessoa pode ter. Mas você estar descontente com uma coisa não quer dizer que você seja capaz de fazer algo melhor e nem mesmo que você tenha autoridade suficiente para sair passando pito nos outros.

Em primeiro lugar, é preciso ver a raiz dessa corrupção dentro de nós mesmos, nos nossos próprios hábitos. Não se trata de corrigir os outros por um motivo muito simples: você não pode escrever os livros dos outros, você não pode compor a música dos outros, você não pode fazer os espetáculos teatrais dos outros; você só pode fazer o que você vai fazer. Então, interessa menos falar mal do outro do que fazer uma coisa melhor. Não que a atividade de crítica [01:50] seja desprezível, mas ela não basta de maneira alguma. E, até agora, os ensaios, as tentativas que eu vi de fazer outra coisa, sobretudo da parte de jovens que se consideram liberais ou conservadores – que portanto estão na “oposição” –, me mostra que eles estão confundindo o simples de ato de você se opor a uma situação com a produção de uma alternativa melhor. Eles acham que são melhores pelo simples fato de que estão contra. Ora isto é você confundir a luta com a vitória. Se você entrar no ringue para competir com outro boxeador, é porque você acha que é melhor. Se você não acha que é melhor, se você acha que vai apanhar, você só vai subir lá? Só se for um idiota. Então, todo lutador que entra no ringue acha que ele é melhor que o outro. Agora, quem é o melhor mesmo? Isso você só garante no fim.

Eu acho que antes de você sair criticando, você tem de fazer alguma coisa. Note bem: a parte crítica do meu trabalho, ela aparece em jornal, ela se constitui de artigos de jornal e de um programa de rádio. Mas, fora disso, eu tenho um trabalho pedagógico imenso e tenho vários livros publicados que de crítica não têm nada. Por exemplo, o trabalho que eu fiz com o Otto Maria Carpeaux, com o Mário Ferreira, o livro sobre Aristóteles, o Jardim das Aflições, e inúmeros cursos que dei como Teoria do Estado etc etc. Nós temos um rol de realizações. É com isto que você tem de entrar em campo, e não com meras críticas.

Aqui tem mais umas perguntas.

Aluno: O curso está maravilhoso (...)

Obrigado.

(...) Sou um dos vários alunos atrasados. Acabei hoje de assistir a aula 47. Lá pelas tantas, o senhor cita o Szondi – “a escolha faz o seu destino” – e cita três tipos de escolha: dos amigos, do cônjuge e da morte. Começa a falar da escolha dos amigos e logo pára para responder outra pergunta. Eu gostaria que o senhor respondesse o seguinte: como conciliar o preceito da amizade assim como o senhor formulou com o segundo mandamento? Pergunto porque para mim é muito fácil viver como um avestruz: não sinto falta de colegas, festinhas e familiares...

Ah, que sujeito abençoado!

... exceção feita à minha mãe, mas ela mora comigo, então não é problema. Consigo ficar em casa no feriado, cinco dias direto sem sair nem tampouco sentir falta das boçalidades da minha vida cotidiana. Agora estou no Seminário e a tendência é ficar mais desligado ainda do meio em torno, apesar de sentir falta de alguém para conversar.

Bom, tem milhares de pessoas aqui pra você conversar no próprio Seminário.

Quanto à definição da amizade que eu dei – *idem velle idem nolle* – é de São Tomas de Aquino e não tem nada a ver com a escolha da amizade no sentido do Szondi. O Szondi está falando de escolha de amizades no sentido de afinidades hereditárias que são puramente biológicas. Você se aproxima de certas pessoas porque elas são seus parentes genéticos, são pessoas parecidas com você. Mas o fato de serem parecidas com você não quer dizer que tenham os mesmos objetivos na esfera na mais alta – espiritual –, ao contrário.

Vamos supor que seja uma relação de casamento. Há vários níveis de afinidade. O primeiro nível é esse de que está falando do Szondi: ele diz claramente que a atração sexual é determinada pela composição genética, você procura seus parentes genéticos. Basta isso para fazer uma convivência? É claro que não! Mas, se não tiver isso, simplesmente não vai existir a convivência. Você não vai querer ir para a cama com a dona só por obrigação. “Eu não sinto atração nenhuma, mas tenho de ir”. Que é que isto! Ninguém faz isto. Se existe essa atração, é atração natural genética. Com isso você não precisa se preocupar em selecionar porque a natureza já selecionou pra você.

Mas isso é só o começo. O próprio Szondi admite que esse nível genético de determinação do destino é só a primeira faixa, mas que tem outras em cima – o ambiente social, o ambiente cultural, e, finalmente, a liberdade de espírito .

Quando São Tomás de Aquino define amizade como querer as mesmas coisas e rejeitar as mesmas coisas, ele está falando já num nível espiritual que não é determinado geneticamente. E, sobretudo, ele está definindo a amizade e não o amor conjugal. Vocês, pelo amor de Deus, não vão sair transando com tudo mundo com quem vocês têm amizade: “Não! Nós queremos as mesmas coisas e rejeitamos as mesmas coisas – vamos pra cama!” Não vai fazer uma coisa dessas.

Então, primeiro, há uma diferença entre o conceito do Szondi de afinidade e o de São Tomás de Aquino. Eles não estão falando da mesma coisa.

E, em segundo lugar, como conciliar isso com o segundo mandamento? Não vejo necessidade de conciliar porque o segundo mandamento abrange isso. Ele abrange e transcende infinitamente. Coisas que não se colocam no mesmo plano não têm por que ser conciliadas; elas têm de ser hierarquizadas. Quando você hierarquiza uma coisa, abrange outra.

Aluno: Em seu vídeo sobre os descobridores do Mário Ferreira, o senhor citou que deu aulas de Teoria do Estado. Procurando, não encontrei (...)

Não encontrou porque não está *online* mesmo. Foram dois cursos bem longos que foram inteiramente transcritos. Nós temos uma versão bruta que em seguida tem de ser redigida. Eu dei como modelo de redação de curso o livro do Bernard Lonergan, *Topics in Education*, que é uma série de gravações que deu muito trabalho para ser transformada em livro. E creio que o curso de teoria do estado dará tanto trabalho quanto esse do Lonergan.

(...) Em resposta a meus posts no fórum, um dos alunos, o Lucas Lacerda, fez a observação de que se essas aulas não estiverem transcritas, poderemos formar um grupo para transcrevê-las.

Elas estão transcritas, mas isso não é a solução do problema. É aí que é o começo do problema. A gente tem uma maçaroca de papel que repete mais ou menos a informalidade da exposição oral, onde você pára a sentença no meio, volta e começa de novo etc. Transformado em escrito, às vezes fica mais difícil de entender. É preciso reduzir aquilo a um texto com começo, meio e fim, sem trair a ordem da exposição e sem transformar completamente o conteúdo e o estilo expositivo. Então, o Silvio Grimaldo e o Eduardo Dipp estão coordenando os esforços de edição do curso de Teoria do Estado. Então, entre em contato com eles.

Aluno: Em que consiste o arrependimento? O arrependimento precisa ser uma atitude dolorosa?

Bom, em primeiro lugar, precisamos distinguir o que é arrependimento do que é remorso. Remorso é uma versão abreviada do *remordimento*: voltar a morder aquilo já está doendo. Já tem uma ferida e você fica mordendo em cima. O remorso é uma reação natural, mas que, em vez de curar o sujeito, pode levá-lo a cometer o mesmo delito de novo e de novo, porque ele se atormenta tanto que, de sentir-se culpado, ele passa a sentir-se vítima de novo e com direito a novas transgressões.

O arrependimento significa, literalmente, você percorrer o caminho de volta, voltar a onde estava. É exatamente este o sentido do perdão. *Perdão* vem de *perdonare*, esse prefixo *per* significa completar. Por exemplo, *perfeição* e *percorrer*: *perfeição* é aquilo que foi feito completamente; *percorrer* é correr o caminho completo. *Perdoar* significa completar o dom: Deus lhe deu alguma coisa e, quando você pede perdão, Ele vai dar uma coisa a mais, que não tinha dado antes. É o contrário do castigo. De certo modo, é um prêmio, por incrível que pareça. Quando você abre o coração a Deus, você diz: “Não era para fazer tal coisa. Não era isso o que o Senhor queria de mim. Falhei de novo”. É evidente que essas falhas são inevitáveis, porque é isso a vida humana, não é que isso seja uma contingência: isto é, na verdade, a essência da vida humana. O ser humano vive numa

condição dupla e ambígua: por um lado, [vive] como uma criatura biológica; por outro lado, como alma imortal. Nós somos as duas coisas ao mesmo tempo e essas coisas não se encaixam bem uma na outra. Durante a vida, o seu percurso, [02:00] o seu caminho é ir desde o estado de entidade biológica para o estado de alma imortal consciente. Isto não se faz em um dia. Portanto, o arrependimento não pode comportar uma raiva que você tenha si mesmo, um ódio que você tenha de si mesmo, uma inconformidade. Ao contrário, você tem de se conformar com esse destino: “Eu falhei de novo e até sei que vou falhar de novo. Mas o que interessa não é a minha perfeição. O que interessa é o Senhor – o próprio Deus – me preencher de novo. Não sou eu que vou acertar. É o Senhor você que vai acertar através de mim. Então, me preencha de conteúdo”.

Nem sempre sou atendido nisso, não sei por que, mas eu sempre peço a Deus: “faz com que eu queira o que Você quer, não o que eu quero, porque o que eu quero é muito anárquico – uma hora eu quero uma coisa, outra hora eu quero outra, brigo comigo mesmo, faço uma confusão dos demônios – , mas Você não; Você é eternamente coerente. Se a Sua vontade tomar conta da minha, vai ser melhor pra mim, para quem está em volta e, pelo menos, Você tem um pretexto para me mandar pro céu, em vez de me mandar para o inferno.” Eu não ligo muito pra esse negócio da busca da perfeição. Isso existe, é claro, mas eu não costumo ver as coisas por esse lado. Eu, pelo menos, não uso essa palavra. O que interessa não é a sua perfeição, o que interessa é Deus preenchê-lo do que ele quer pra você. O gesto de bater no peito que nós fazemos na Missa é um gesto ritual. Mas quando você comparece diante de Deus, não dá tempo de bater no peito. Não dá porque o perdão divino flui para o ser humano com uma instantaneidade que é muito impressionante, muito impressionante. Não dá tempo de você curtir o seu arrependimento. Você passa imediatamente da consciência do erro para a gratidão. Comigo, graças a Deus, é assim. Não fico curtindo muito tempo os meus pecados – que são belas porcarias de pecados, vulgares, idiotas. Eu não vou ficar falando disso com Deus. Você começa falar, Ele já sabe tudo.

Aluno: Tenho assistido com interesse e atenção à polêmica no fórum a respeito de Wittgenstein. Com o maior respeito aos debatedores, que me parecem pessoas informadas e inteligentes, e sem me atrever a entrar no mérito das questões debatidas, sempre que leio que os posts, não consigo evitar a impressão de que ali está uma mixórdia de jogos de linguagem (...)

Mas sem sombra de dúvida! Eu não quis mexer nesse assunto. Nós não estamos estudando Wittgenstein; isto é importantíssimo. Essa discussão surgiu com uma coisa paralela. Ela não pode ser ignorada e também não se pode dar atenção demais a ela, porque, afinal de contas, é uma discussão em torno da interpretação de um autor, e esse autor não é objeto do nosso estudo. Nós estamos falando de outra coisa. Então nós podemos até deixar isso entre parênteses. [Sabemos que] a questão que apareceu foi colocada de tal ou qual maneira e um dia talvez tratemos disso.

(...) Curioso é o fato de que tenho uma sensação bem parecida quando ouço ou leio um lacaniano. Também Lacan formulou uma crítica geral à modernidade ao cogito cartesiano em particular e é considerado um dos fundadores da pós-modernidade. Outra semelhança: como Wittgenstein, o francês Lacan, sabendo ou não, usava em sua composição algumas tintas kantianas. Por exemplo, ele dividia o mundo entre o simbólico, o imaginário e o real, este último absolutamente incognoscível (...)

Aqueles que são cristãos têm já uma norma ditada pelo próprio Jesus Cristo. Essa norma pode orientá-lo: “Quem comigo não ajunta, espalha” (Lc, 11:23). O sujeito diz “aqui está o do cognoscível e lá está o incognoscível”. Que incognoscível?! Que inefável, meu Deus do Céu! O próprio Deus em Si tem elementos incognoscíveis, mas Ele não é totalmente incognoscível. Senão, jamais teríamos ouvido falar dele! A presença de Deus no mundo é uma coisa óbvia, patente,

atestada! Atestada pelos milagres, atestada pelo Evangelho, atestada pelas vidas dos santos, atestada por esses fenômenos de ressurreição, atestada por um milhão de coisas! Para quê eu vou ficar falando do incognoscível, meu Deus do Céu!

Além do mais, não há limites para o que você pode ficar sabendo sobre Deus. Não há limites. Sempre haverá um resíduo, mas onde termina o cognoscível e onde começam esses resíduos? Quem determina isso é Deus, meu filho, não é você. Então, teste. Testa o próprio Deus. Faça perguntas para ele. Se as perguntas forem sinceras e sérias e se Ele julgar que vai ser bom pra você saber isso, Ele vai contar coisas do arco da velha. Essa coisa da imortalidade, Ele não contou isso pra mim, que sou um idiota? Contou. Então, por que não pode contar umas coisas para você também? Você pode descobrir muita coisa.

Essa história de inefável é frescura. Deus não é inefável; Deus é santo. Isso é importantíssimo. Leia os trechos do Dom Columba Marmion, grande escritor sacro do século XX sobre o que é a Santidade de Deus. Você vai ver a diferença que há entre Deus ser santo e Deus ser inefável. Inefável é o que é indizível. Mas se é indizível, por que Ele manda tanta gente falar dele? Os profetas, os santos, os teólogos, todo mundo está falando de Deus. E aí dizem que Ele é inefável. É inefável em teoria, meu filho. Mas na prática acaba se falando muita coisa. E muita coisa está certa. O próprio Evangelho está aí.

Agora, se você não tem prática de nada disso e vai tentar descobrir isso por meio da mera análise teórica das propriedades da linguagem, você está perdendo seu tempo. A partir de certas premissas abstratas, você conclui que certa coisa é impossível, embora todo mundo saiba que esta coisa está acontecendo. Para que serve isso? Esses limites teóricos da linguagem, para que servem?

Na verdade, é o seguinte: nós não sabemos onde estão esses limites. A linguagem é limitada empiricamente, não teoricamente. A capacidade que o ser humano tem de dizer as coisas não cessou de aumentar desde o tempo do homem de Neanderthal. O que era indizível torna-se dizível. Os poetas, os profetas, os santos, os teólogos, os filósofos, existem pra isso!

Então, é possível fixar os limites do dizível? Não é possível. Nós não sabemos isso, é um fator meramente empírico. A minha linguagem tem um limite? Tem: a partir da hora em que eu morrer, não vou falar mais nada, isso eu prometo pra vocês, a não ser que eu volte, alguém me convoque. Espero que não – não me convoquem em sessão espírita, que eu não vou lá não. [A minha linguagem] tem um limite. Chega uma hora em que você pára de falar porque você não está mais aí. Não conheço outro limite.

Quando, por exemplo, você estuda um pouco de poesia, você vê que os poetas chegaram a exprimir coisas que eram totalmente inexprimíveis uma ou duas gerações atrás. É uma monstruosidade! E isso é a realidade da linguagem; não o que Wittgenstein pensa dela. E ele nem sequer tem cultura pra tratar desse assunto. Com aquelas coisas que ele fala sobre religião, ele mostra que não leu nada! Ele leu algum livrinho muito chinfrim sobre budismo e começou a fazer meditação. Como não chegou a nada, ele diz: “ah, é inefável!”

O trabalho do Wittgenstein, como o do Kant, é traçar limites: “daqui pra lá só tem inefável!”. E o inefável é, evidentemente, ele mesmo.

Você me pede para fazer uma comparação dos dois autores, o Wittgenstein e o Lacan, mas você já fez acertou e acertou na mosca: é um kantismo disfarçado. Pior: Wittgenstein não é nem [imitador de] Kant; ele é [imitador de] Hume! Ele postula: “daqui pra lá, nós só podemos ter a fé irracional”.

Hume não era contra a fé racional; ele era até a favor. Mas por que eu preciso saber por fé irracional uma coisa que uma outra pessoa pode me demonstrar, me explicar e até testar experimentalmente, como, por exemplo, essa questão da imortalidade?

Note bem que em toda a questão da imortalidade, [02:10] vigora o princípio que em lógica se chamou *exemplum in contrarium*: quando existe uma norma geral, basta um exemplo contrário para que a norma caia inteirinha. Como dizia William James, basta você me mostrar um único corvo branco para eu saber que nem todos os corvos são pretos.

No caso, não se trata de provar a imortalidade. O conceito de imortalidade é complexo e não tem muito sentido querer prová-lo. Quem tem de provar alguma coisa é o outro lado, ele tem que me provar a mortalidade absoluta e a limitação total do ser humano às fronteiras do corpo físico. Os proponentes desta idéia é que têm de provar isso, porque a crença na imortalidade é universal. Existem, por exemplo, os estudos feitos por Fraser. Ele era ateu (não formalmente, mas era ateu, no fim das contas), mas o que ele coletou de documentos sobre a crença da imortalidade no mundo é uma grandeza. Outro: Erwin Rohde fez o estudo *Psyche* sobre o conhecimento da imortalidade da Grécia. Existem vários livros clássicos de historiadores e antropólogos que atestaram que isso aí é universal.

Se você contesta uma crença universal, é você que tem de dar as provas e não a crença universal. Nesse sentido, a crença na mortalidade absoluta, a crença nos limites corporais como determinantes do ser humano, essas já está totalmente desmoralizada, já acabou. Não se pode mais falar disso, quem vier com essa conversa é um bobão.

Então, para mim, todos os camaradas que opinam nessas coisas sem nem sequer averiguar qual é a bibliografia existente a respeito, eles não têm nada a falar sobre isso! O que tem Stephen Hawking a dizer sobre isso? Nada, mas absolutamente nada! Mesmo porque Stephen Hawking muda de idéia todo dia. Um dia, ele tava entusiasmado com doutrinas hindus; no outro dia, ele diz que tudo isso é uma besteira. Num dia, ele diz que Deus criou o mundo; agora, Deus não criou mais o mundo. Por que temos que prestar atenção a esse homem, meu Deus? Só porque ele é um físico?

Esta arrogância de autoridade dos cientistas naturais para falar de todas as coisas, isso tem de acabar. O trato dessas questões metafísicas, teológicas etc. exige um treino altamente especializado e difícil de adquirir. Não é porque o sujeito tirou o diploma de física, de botânica, que ele pode opinar sobre isso. Filosoficamente, todos esses argumentos deles são pueris, são uma bobagem. E experimentalmente, já está provado que existe atividade consciente humana sem a presença do corpo. Isso está provado definitivamente. Há alguma atividade. Quanto tempo ela dura? Dois minutos? Cinco minutos? Eu não sei. Mas está provado que, quando o corpo morre, tem algo que não morre, algo permanece consciente e que, portanto, é uma consciência não cerebral. Você não pode dizer que é uma consciência *fora* do cérebro porque, enquanto você tem cérebro, ela já está funcionando. Então, ela abrange e transcende o cérebro.

Então, muito bem. Por hoje é só isso. Até semana que vem. Muito obrigado!

Transcrição: Kaimoto – Instituto Olavo de Carvalho-Curitiba

Revisão: Leonardo Torres